

MEMÓRIAS EM CONTRASTE: A PERCEPÇÃO DO “OUTRO” NAS RELAÇÕES DE GÊNERO.

Etelvina Maria de Castro Trindade
Universidade Tuiuti do Paraná/Brasil

1. Introdução

O interesse pelo corpo, da maneira como se manifesta na atualidade, faz parte de um longo processo histórico, ocorrido entre os séculos XVI e XVIII, e que se estende até os tempos atuais, trazendo transformações na maneira de considerar-se a materialidade humana, vista de forma cada vez mais objetiva e atenta. Conhecer o corpo e ouvir suas reações, preocupar-se com ele, cuidá-lo, higienizá-lo e embelezá-lo passou a fazer parte de uma concepção em que o individualismo se impôs, gradativamente, fazendo com que cada pessoa re-valorizasse seu lugar no mundo e reivindicasse o direito de assenhorar-se de si mesma.

Foi, porém, com o advento da sociedade industrial e a fruição acelerada de bens e valores que o corpo ganhou o estatuto de objeto de consumo. E se, no mundo contemporâneo, as pessoas podem apropriar-se autonomamente de seus corpos, espera-se, no entanto, que suas ações estejam de acordo com a funcionalidade requerida pelo mercado e que os modos de apropriação sujeitem-se às representações corporais veiculadas, sobretudo, pela mídia.¹ A relação do indivíduo, consigo mesmo, passou a estabelecer-se, então, na busca de um corpo funcional e personalizado, para o qual é imprescindível uma condição definida e equilibrada de saúde e beleza - uma percepção muito menos ligada ao corpo físico, do que a um imperativo social. Homens e mulheres, de todas as idades, e a maioria das categorias sociais, estão indistintamente submetidos a essa situação.

Em tais circunstâncias, os estudos sobre o corpo ganharam espaço cada vez maior, podendo beneficiar-se de abordagens que privilegiam aspectos geracionais e de gênero, constituídos como importantes vertentes de trabalho por permitirem observar as diferenças que tempo, cultura e sociedade podem imprimir às representações e às práticas corporais. As duas categorias, descartando padrões universais, possibilitam desvendar múltiplas formas de “situação” social ², além de ampliar os parâmetros do masculino e do feminino a outras vertentes de análise. Para conduzir essa investigação, foram acionadas memórias reconstruídas a partir do momento atual, quando corpo e corporalidade estão tão claramente em evidência, tomando-se como referenciais as concepções ligadas a saúde e beleza.

2. Geração, gênero e memória.

Com essa motivação, e em busca do entendimento do que sejam as representações sobre o belo e o hírido materializados corporalmente, dezoito depoentes foram convidados a revelar suas considerações sobre esses temas. Fiel aos parâmetros estabelecidos, a pesquisa circunscreveu-se a um universo de nove homens e nove mulheres, de três diferentes gerações.³ Por geração, entende-se não somente as condições de nascimento que marcam mesmos ritmos de vida pois os dados biológicos são apenas o estrato básico da condição geracional; faz-se necessário ir além deles, para “observá-los no quadro de referências do sistema de forças históricas e sociais a partir do qual receberam sua forma”.⁴

O mesmo se aplica às definições etárias de gênero, na medida em que elas são relacionadas e complementares, visto que a “imagem sexual” e a identidade compõem elementos básicos da representação humana em todas as sociedades.⁵ Por isso, o recurso à categoria gênero traz à análise o papel das diferenças sexuais, lançando luz sobre os intercâmbios que se estabelecem nas relações entre os seres humanos, os grupos sociais e o período em que vivem.⁶

Embora os relatos da memória não tenham um estatuto científico, já que são permeados pelas seleções feitas no tempo atual que tornam o pretérito condensado, implícito, virtual e representativo, eles trazem possibilidades variadas ao trabalho histórico, por estabelecerem laços entre presente e passado.⁷ Mesmo sabendo-se que a transmissão das tradições é um fenômeno constante entre as gerações, a ênfase do estudo não está em verificar como elas são repassadas mas, pelo contrário, em entender as diferentes concepções que cada geração e gênero traz de seu passado e vive em seu presente. Devido, entretanto, aos limites estabelecidos para este texto e a extensão e riqueza dos dados obtidos, este segmento da análise privilegiará os depoimentos femininos utilizando, como contraponto, os masculinos. Para tanto, um dos pontos de partida foi de se pensar de que maneira certos conceitos definidos como universais, estão em relação com determinados tempo e contexto, como se verá a seguir.

3. O caleidoscópio do tempo

Para os grupos das três gerações, o interstício temporal situou-se, respectivamente, nos anos 1950, 1970 e 1990. Considerando-se inicialmente os nascidos na década de 1930, ao atingirem seus 20 anos, o mundo atravessava os chamados “anos dourados” do pós-guerra, submetido à influência exercida pelos Estados Unidos sobre os meios de comunicação, com o

intuito de tornar mundialmente conhecido seu ideário de progresso e força. Isso se deu, sobretudo, através do cinema hollywoodiano que divulgou universalmente o *american way of life*.⁸ Na tela, e na sociedade, mercê de uma mentalidade conservadora, a exposição do corpo era censurada por uma série de tabus, permanecendo oculta pelas saias rodadas e pelos severos ternos masculinos.

Por oposição, os anos 60 e 70 do século XX foram revolucionários, na medida que os movimentos da juventude questionaram valores até então estabelecidos, mudando a face das instituições e os costumes: a mini-saia, o rock e o uso das drogas, as barricadas dos universitários parisienses, Woodstock, o movimento hippie, a pílula anticoncepcional e as conquistas feministas são alguns exemplos. Vinte anos depois, os filhos daquela geração passaram a viver, e ainda vivem, em um mundo globalizado, violento e agressivo, destituído de utopias, fazendo o movimento de intimização pessoal, onde os meios de comunicação virtual vão, cada vez mais, direcionar as relações inter-pessoais. As mulheres começaram a colher os frutos do feminismo e multiplicaram-se no mercado de trabalho. O vestuário iria expor os corpos femininos – e, depois, os masculinos – e a revolução sexual atingiu os foros da família e os espaços públicos. Efetivamente, na segunda metade do século passado, as sociedades ocidentais percorreram uma trajetória vertiginosa que foi da tranquilidade e das certezas que sucederam aos grandes conflitos mundiais a um mundo onde as incertezas são a tônica e os valores estabelecidos sofrem um contínuo bombardeamento.

Em busca desses vestígios do passado, o prólogo das entrevistas provocou a evocação dos tempos da juventude com o inevitável atrelamento às suas condições temporais e geracionais: os mais velhos, homens e mulheres, lembram-se imediatamente da preparação para o casamento. E, previsivelmente, enquanto o contingente masculino menciona estudo e trabalho, vistos como recursos para atender a um compromisso social - “...Eu estava tentando ganhar dinheiro, porque já estava querendo me casar”, relembra um dos entrevistados⁹ -, o feminino detalha a confecção do enxoval ou a vida doméstica: “...Estava curtindo minha vida, querendo ser perfeita, boa esposa e boa mãe”, afirma ML.¹⁰ Contrariamente, no grupo mais jovem, estudar e procurar emprego eram o foco de interesse para ambos os sexos, revelando-se, como objetivo primordial, a busca da independência. EJF, uma bancária de trinta anos, personifica essa atitude: “... Me marcava a ansiedade do que ia ser depois de formada ... Não tinha vontade de voltar para minha cidade ...”¹¹ – com uma preocupação com o futuro profissional característico da sua idade.

A comparação dos dois grupos etários mostra, ainda, a defasagem que ocorre entre as gerações com relação a casamento e escolaridade. Para a primeira geração, esperava-se que as mulheres contraissem matrimônio logo após concluir o curso médio, algo inaceitável atualmente, quando elas são impulsionadas para o nível superior, o que torna tardios casamento e maternidade.

Envolvidas emocionalmente nas malhas da memória, as mulheres de 70 ou 50 anos atrelam, no momento da entrevista, as palavras *feliz* e *felicidade* ao casamento e à constituição de uma prole, objetivos primordiais em suas épocas;¹² já na terceira geração, os mesmos vocábulos são evocados pela recordação da convivência universitária, tida como um período de despreocupação e liberdade. É um pouco surpreendente, porém, observar que o uso-fruto das conquistas feministas seja da terceira geração, enquanto o grupo intermediário, gestado na época das maiores contestações, incline-se muito mais às posições tradicionalistas sobre casamento e maternidade, aderindo a uma visão de mundo, talvez romântica.

Isso posto, torna-se impossível fugir das inevitáveis interpretações que circunscrevem os nascidos na década de 1930, e na de 1950, na divisão hierárquica dos gêneros entre o público e o privado e nos papéis homem/mulher, em favor da hegemonia masculina. São constatações que põem, talvez, em xeque o célebre aforismo de Ibn Khaldun de que “os homens são mais filhos de seu tempo do que de seus pais”, em favor da transmissão da herança cultural acumulada, mesmo que os indivíduos e grupos entrem em contato com ela de maneira diferenciada.

De qualquer forma, não se pode negar o papel da inserção dos indivíduos em determinados contextos socioculturais, conforme o que foi até aqui observado, restando ainda a tarefa de analisar e interpretar a maneira como conceitos fugidios, tais como corpo, saúde e beleza foram expressos e representados pelos sujeitos em questão.

4. A expressão do corpo: percepções e modelos, estereótipos e ícones.

Quando se repensa as diferentes formas e figuras da representação humana, chega-se à constatação de que descrever suas minúcias é tarefa atribuída a cientistas, mas freqüentemente apropriada por bardos e literatos. O poeta brasileiro, Vinícius de Moraes, em sua “Receita de Mulher”, invoca a beleza feminina, fornecendo um esboço de seus múltiplos detalhes. Pede ele, em seus versos, que a mulher seja “garça, flor, corola, templo, cálice e nuvem; que sua boca seja fresca; as extremidades, magras; a cintura, semovente; os membros, hastes; as coxas, lisas” - seguindo-se a descrição de colo, pescoço, olhos, e muito mais.¹³ Séculos antes ,

Cervantes já colocara, na boca de Dom Quixote, retrato similar de Dulcinéia: “seus cabelos são ouro; a sua testa campos elísios; suas sobrancelhas arcos celestes; seus olhos sóis; suas faces rosas; seus lábios corais; pérolas seus dentes; alabastro seu colo ... e por aí seguia o triste apaixonado”.¹⁴

Infelizmente, o que se mostra tão acessível aos poetas e escritores, não parece estar ao alcance de outros estudiosos. Tentativas recentes de redigir histórias da beleza revelaram-se desfavoráveis a intelectuais como Umberto Eco e Georges Vigarello que vêm sofrendo a crítica desfavorável da imprensa.¹⁵ E se os especialistas enfrentam dificuldades em abordar temas que desafiam os parâmetros da linguagem e das imagens, o que se poderá dizer daqueles não têm por profissão o hábito de refletir sobre o assunto, caso dos entrevistados neste estudo?

Consciente desses obstáculos, o foco da análise, voltado para as entrevistas, revelou, como esperado, uma indefinição dos sujeitos quanto a tudo que se referisse à materialidade do corpo. No caso específico dos padrões de beleza, Umberto Eco já identifica a inexistência de uma idéia preconcebida, pois o belo tem a ver, segundo ele, com uma condição que um determinante cultural ou uma época histórica reconheceram como agradáveis à contemplação.¹⁶ Infere-se daí que a idéia de beleza é melhor vista do que descrita e, decorrentemente, padrões de saúde não são, igualmente, de fácil expressão. Concepções de beleza, bem como de saúde, não partem, pois, de uma somatória de dados elementares, mas de uma percepção de caráter amplo e indefinido.

Todavia, no decorrer das entrevistas, discorrendo sobre a beleza feminina, as mulheres mais velhas contrariaram esse veredicto, com palavras e minúcias ausentes nos discursos masculinos. Vê-se que é importante, para elas, pormenorizar o tamanho do busto, a cintura fina, os quadris acentuados, condicionadas que foram para a percepção do detalhe; basta lembrar as aulas de caligrafia, bordado e etiqueta a que estiveram submetidas. O preciosismo das setuagenárias inflete, na segunda geração, para a ditadura da moda: “Mulheres bonitas eram as minhas amigas que tinham roupas mais transadas, cabelo mais tratado”..., confessa PV, de 50 anos.¹⁷ E dilui-se ao chegar às mais novas que, à semelhança de seus companheiros de idade, aderem aos estereótipos atuais: estatura alta, cabelos longos, corpo esguio. Se a sintetização surpreende, pelo fato de serem as mais jovens as mais diretamente expostas às pressões sociais e da mídia, o esvaziamento da percepção fina pode apontar, aí sim, para a influência das circunstâncias histórico-sociais nas percepções das pessoas. A convergência de opiniões observada entre os gêneros nos mais jovens, desfaz-se, entretanto,

quando é trazido à baila o tema mais sutil da feminilidade. Ao laconismo masculino fixado, além disso, em atitudes imateriais como o falar, o andar, a candura, a simpatia, a finura, a gentileza, as mulheres opõem a riqueza da descrição de acessórios exteriores, esmalte e baton, corte de cabelo, detalhes do vestuário e, raramente, características intrínsecas, como charme ou meiguice. Grosso modo, enquanto a percepção masculina aparece ampla e geral, a feminina recolhe-se no particular, valorizando a corporalidade através da vestimenta, bem de acordo com o que lembra Michelle Perrot, quando diz que “a memória das mulheres é trajada.”¹⁸

Foram também curiosas as descrições femininas sobre o sexo oposto. Em qualquer geração, pelo que se pôde apurar, as mulheres apegaram-se à descrição física de maridos, companheiros ou namorados, - ou seja, do que é reconhecido e próximo -, trazida, quase inconscientemente à fala: “Não precisa ser alto”¹⁹, diz uma delas cujo o marido era de baixa estatura; “Gordinho, corado, alegre, nutrido”²⁰ – responde outra, cujo cônjuge tinha excesso de peso, como se fornecesse uma receita de saúde. Bem diversa é a representação masculina onde impera um universo fantasioso de *misses* e divas do cinema e da televisão, mesmo que se saiba - ou eles declarem - não ter junto a si alguém que minimamente corresponda àquele físico: “Minha esposa é bem *fofinha*, mas se você conversar com ela, você acha ela linda!”²¹ – confia um jovem de trinta anos. Assim, enquanto os homens alimentam sonhos, as mulheres adaptam os seus à realidade. Em suma, eles se fixam no ideal do que não têm; elas, no cotidiano do que possuem, ou um dia possuíram. Afinal, com quem fica o romantismo?

Ele não esteve, porém, totalmente ausente quando, em pleno século XXI, todas as entrevistadas evocam, como contraponto da feminilidade, a representação do homem másculo, sintetizado em um atributo: o do *provedor*, que sustenta materialmente, protege e acarinha, mesmo que essas características nada tenham a ver com o estereótipo corrente do homem *macho*, assertivo e rude. Isso acontece, apesar da evocação contraditória de alguns ícones, culturalmente ligados às características masculinas, como cigarro e whisky, para os mais velhos, e drogas para a geração dos anos 1970 - embora todos, indistintamente, concordem que, além das práticas físicas mais modernas, a saúde depende, e sempre dependeu, da ausência de vícios. Como complementos da descrição, aparecem barbas (por vezes, *selvagens*) e cabelos crescidos - e, mais remotamente, topetes à Elvis e finos bigodes - que estiveram por vezes em alta, bem como os longos cabelos femininos, displicentemente agitados sobre os ombros.

São as marcas de cada época, sujeitas a mutações, sem que se eliminem permanências que se prolongam, amparados nos modelos cinematográficos ou televisivos, preferencialmente femininos, que habitam o imaginário das memórias, unindo, inconscientemente, o culto dos homens e a admiração das mulheres em torno da beleza, na teia impenetrável do que foi ontem, distante do que se rememora, e se vive, hoje.

NOTAS

- ¹ LUCERO, N.A.A. O corpo redescoberto. In: **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas/SP: Papyrus, 1995. pp.43-54
- ² MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M.M. (org.) **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982. p. 70.
- ³ Nascidos no Brasil em, aproximadamente, 1935, 1955 e 1975. Teriam por volta de 70, 50 e 30 anos, em 2005, com intervalos de, mais ou menos, 20 a 25 anos entre cada grupo.
- ⁴ MANNHEIM, K. **Opus cit.** p. 94-95
- ⁵ EISENSTADT, S.N. Grupos etários e estrutura social: o problema. In: **De geração em geração**. São Paulo: Perspectiva, 1958.
- ⁶ TRINDADE, E.M.C.; MARTINS, A.P.V. **Mulheres na História**. Paraná - Séculos 19 e 20. p.3 e 4.
- ⁷ MANNHEIM, K. **Opus cit.** p.
- ⁸ GARCIA, J.B. **Escola de Modelos**. Três décadas do Anuário das Senhoras. (1934-1945). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004. p.2-3.
- ⁹ Entrevista concedida por PM, em dezembro de 2005.
- ¹⁰ Entrevista concedida por MRL em novembro de 2005.
- ¹¹ Entrevista concedida por EJF, em junho de 2006
- ¹² Isso se evidencia, mesmo sabendo-se que duas delas (por ocasião das entrevistas, mais duas depoentes se voluntariaram), tiveram que morar com a sogra, ou parentes, por motivos financeiros, tendo uma delas casado grávida, circunstância muito constrangedora à época. À luz do presente essas circunstâncias são, porém, minimizadas.
- ¹³ MORAES, V. **Nova Antologia Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ¹⁴ CERVANTES DE SAAVEDRA, M. **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 75.
- ¹⁵ A revista brasileira *Veja*, de 6 de setembro de 2006, investe contra o livro de Vigarello, taxando seu texto de incolor e ligeiro, por ter utilizado a história como mero “ruído de fundo”, como se “a moda e a beleza se movessem no limbo (TEIXEIRA, J. *Cosmética intelectual*. In: Revista **Veja**. São Paulo: Editora ABRIL, 2006. p. 134).
- ¹⁶ ECO, U. **História da Beleza**. São Paulo: Record, 2004.
- ¹⁷ Entrevista concedida por PV, em janeiro de 2005.
- ¹⁸ PERROT, M. Práticas da memória feminina. In: Revista Brasileira de História.: A mulher e o espaço público. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 9., nº 18, agosto/setembro de 1989. p. 14.
- ¹⁹ Entrevista concedida por ZRV, em novembro de 2005.
- ²⁰ Entrevista concedida por GCG, em novembro de 2005.
- ²¹ Entrevista concedida por MN, em de 2006